

A (IN)DISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR¹

Josuel Stenio da Paixão RIBEIRO²

Anie Caroline Gonçalves PAIXÃO³

RESUMO

A problemática da (in)disciplina, é o que norteia todo o descontentamento com a educação, provocando desinteresse, aliada a falta de preparo dos agentes educacionais. Para poder enfrentar o problema da indisciplina, é necessário compreendê-la, entender o que está acontecendo hoje com a disciplina na sala de aula, na escola e na sociedade, então, para melhor discutir este tema que é tão comum mais pouco entendido, procuramos buscar o conceito de (in)disciplina do ponto de vista da comunidade escolar e do ponto de vista teórico encontrando diversas possibilidades, que será trabalhado no corpo de texto, sobretudo qual disciplina que a escola deveria pressupor para si e a historicidade do conceito que hoje é mais vigente nas escolas e salas de aula.

Palavras-chaves: (in)disciplina; ambiente escolar; regras e aprendizagem.

Esta análise sociológica se refere não somente ao trabalho de campo de observação realizado durante o período de 14/03/2007 a 23/04/2007 em uma escola localizada na região central da cidade de Marília-SP, onde funciona Ensino Fundamental-Ciclo II, Sala de Recursos - Deficiente Físico, Ensino Médio e Projeto Recuperação Paralela. No entanto, mesmo não sendo está o objeto único da pesquisa é nela que se concentrou a maior atenção deste trabalho que buscou compreender as causas e o sentido da indisciplina escolar.

Nesta escola é ministrados o ensino fundamental (Ciclo II) e ensino médio distribuído do seguinte modo: ensino médio e oitavas séries pela manhã, quintas, sextas e sétimas à tarde, e um terceiro ano do ensino médio à noite, o que compreende um grande numero de alunos e com um corpo docente também muito numeroso. A escola conta com um número relevante de

¹ Esta pesquisa foi desenvolvida para o trabalho de conclusão da disciplina de Sociologia da Educação e teve ampla contribuição dos estudos desenvolvidos previa e posteriormente com a aluna Anie Caroline Paixão. Orientadora: Prf. Dra. Maria Valéria Barbosa. CEP 17525.900 – Marília, São Paulo/ Brasil - UNESP - Universidade Estadual Paulista.

² Aluno do 4º ano de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - Universidade Estadual Paulista, CEP 17525.900 – Marília, São Paulo/ Brasil. É bolsista PIBIC-CNPq e desenvolve trabalho na área de Direitos Humanos e políticas públicas. E-mail: jo@marilia.unesp.br.

³ Aluna do 2º ano de Licenciatura Plena em Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - Universidade Estadual Paulista, CEP 19060-900-P. Prudente, São Paulo/ Brasil. Desenvolve pesquisa na área de análise de comportamento e educação. Anie_604@yahoo.com.br.

funcionários sendo duas cozinheiras e seis inspetoras, sem mencionar direção e secretaria, esse quadro é distribuído majoritariamente pela manhã e tarde.⁴

Em relação ao projeto político pedagógico, se torna relevante colocar que não me foi disponibilizado nos dias em que estive na escola⁵ no primeiro semestre, e só tive acesso a ele no meio do segundo semestre, e ainda segundo a diretora o projeto que está disponível na unidade é de quatro anos atrás.

A recepção feita pela coordenadora que me recebeu na escola foi excelente, tendo acompanhado o estágio sempre que solicitada e, demonstrando um interesse pelo resultado da análise. Já as professoras foram “um tanto” indiferentes se colocando sempre em uma posição de maior saber, ou seja, daquele que tem tudo a ensinar e nada a aprender, a começar da postura de pedir que ficasse ao fundo da sala vendo sua atuação, que se dividia em tentar manter a sala “comportada” e direcionar o aluno para que este copiasse o livro didático; já os funcionários ficavam felizes em ter mais alguém para poder ajudá-los a “controlar” os alunos em momentos em que estes não se encontram em sala, exceto pelas cozinheiras que apresentavam sentir compaixão pela escolha “errada” em que tomei; se tornar um professor.

Ainda bem que você veio hoje, pois, esta ‘molecada’ está impossível só um homem pra dá conta mesmo, agente como mulher... eles não respeitam mesmo, vocês que são homens eles têm medo.(fala de uma das inspetoras);

há meu ‘fio’ o que levou você a querer ser professor, não ‘tá’ compensando mais não, esses meninos não tem mais jeito, você é novo ainda pra fica passando nervoso (fala de uma das merendeiras);

fala que eu ‘to’ com você aqui fora, por que eu não quero assistir aquela aula chata, com aquela professora chata não. (fala de uma aluna);

essa aí não tem mais jeito não, vai acabar grávida, pensa que eu não sei porque esse fogo todo, devia ter ficado lá fora logo. (fala de professora se referindo a uma aluna da sétima série em sala de aula);

Essas falas deixam evidente a falta de entrosamento entre os agentes educacionais, além do desrespeito que por diversas vezes ficam explícitos no decorrer do dia, e no relacionamento deles, o professor e o inspetor que ofendem os alunos com “xingamentos” e os alunos, que por sua vez, também fazem o mesmo.

⁴ A escola conta com 900 alunos, 51 professores atuando e 14 afastados além do corpo de funcionários distribuídos em auxiliares de serviços, agentes de administração escolar, secretários, coordenação e direção.

⁵ Digo nos dias em que estive, porque sei que alguns colegas chegaram a ter contatos com esse material.

As aulas que assisti foram de geografia, língua portuguesa, história, matemática e educação física, em todas as aulas ficaram evidentes a falta de preparo e de compromisso do professor com o conteúdo e ainda sua falta de afinidade com os alunos, ou seja, a partir disso se decorria uma verdadeira disputa de poder. Pois, ao observar as aulas ficaram notórios os desinteresses dos alunos pelas aulas, exceto as de educação física, em que, em certa medida, também não havia interesse pela aula, mas pelo espaço e tempo disponível para um jogo que eles mesmos escolhiam; o futebol, em que as regras básicas deste também eram desconsideradas. E sabendo que a indisciplina juntamente com o desinteresse dos alunos pelas aulas são os maiores problemas das escolas (ABRAMOVAY. 2002 p. 189), foram o que nortearam esta análise em um movimento dialético, em que a indisciplina provoca o desinteresse, assim como o desinteresse provoca a indisciplina.

Os alunos, durante as aulas, falavam e discutiam assuntos nada pertinentes a sala de aula, sendo que, às vezes, a professora compartilhava com eles desses assuntos que em grande medida não traziam nenhuma contribuição positiva, pois, se restringiam a assuntos de caráter pejorativos, inclusive sobre funcionários, por exemplo:

A aluna Amanda fala para professora que ao ser abordada pela inspetora Irene no banheiro com a aluna Renata, foi insultada pela Inspetora que perguntou se elas estavam fazendo sexo, só por que elas estavam tirando fotos de suas partes íntimas com o celular, fotos que seriam mostradas posteriormente aos “colegas”. Ainda segundo a aluna Amanda ela disse a Inspetora que só se fosse com o marido dela, já que não havia homem nenhum ali, para ela ir procurar o que fazer... __mesmo essa situação sendo colocada em uma sala de sétima série e as alunas envolvidas tendo apenas 13 e 14 anos a professora disse que elas estavam certas em responder a inspetora Irene daquela forma⁶.

Talvez pelo que mencionamos acima, um dos maiores problemas que se pode identificar logo ao chegar à escola é que o quadro de funcionários não se vê como parte do processo educativo, por exercer atividades desconexas com a sala de aula, revelando constantemente uma insatisfação com a escola, com o modelo pedagógico (ainda que desconheçam) e, principalmente, com os alunos.

Foi nesse sentido que procurei pensar a problemática da (in)disciplina, como é o que norteia todo esse descontentamento com a educação, provocando desinteresse e falta de preparo dos agentes educacionais. Então, para melhor discutir este tema, que é tão comum mais pouco entendido, procuramos buscar o conceito de (in)disciplina do ponto de vista da

⁶ Os nomes são fictícios para preservar as pessoas envolvidas.

comunidade escolar e do ponto de vista teórico, daí encontramos algumas definições tais como:

DISCIPLINA, Educação. Conjunto de regras impostas à obediência a todos que são integrantes de uma sociedade, instituição ou corporação para que funcione regularmente.(MEPI, v. III, p.940);

DISCIPLINA sf. 1. Regime de ordem imposta ou mesmo consentida. 2. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. 3. Relação de subordinação do aluno ao mestre. 4. Submissão a um regulamento...(FERREIRA, 2001, p. 239);

DISCIPLINA. A disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrição e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão, as regras são imprescritíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo.(REGO, 1996, p.85);

DISCIPLINA, s. f. Conjunto de prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem em qualquer organização; obediência à autoridade; obediência de normas ou preceitos; doutrina; ensino; conjunto de conhecimentos que se professam em cada cadeira de um instituto escolar. (FERNANDES; LUFT; GUIMARAES, 1993);

DISCIPLINA é sinônimo de trabalho, diálogo, camaradagem, afeto e respeito mútuo. (VASCONCELLOS, 2000, P. 76);

DISCIPLINA é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. (TIBA, 1996, p. 99).

Em “*Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como praticas sociais*” in. “*Indisciplina na escola: alternativas teóricas práticas*”, Carvalho faz referência ao dicionário *Caldas Aulete* buscando nele o sentido para o termo disciplina:

1. Instrução e direção dada por um mestre a seu discípulo...
2. Submissão do discípulo à instrução e direção do mestre.
3. Imposição de autoridade, de método, de regras ou preceitos...
4. Respeito à autoridade, observância de método, regras ou preceitos.
5. Qualquer ramo de conhecimentos científicos, artísticos, lingüísticos, históricos, etc. : a disciplina que se ensina nos colégios.
6. O conjunto das prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem resultante da observância dessas prescrições e regras: a disciplina militar; a disciplina eclesiástica. (1964, p. 1246).

Vasconcellos é muito feliz quando destaca que “*para poder enfrentar o problema da indisciplina, é necessário compreendê-lo, ou seja, entender o que está acontecendo hoje com a disciplina na sala de aula, na escola (na sociedade)*”. (VASCONCELOS, 2000, p. 21).

O grande problema na superação da indisciplina consiste no fato de que, os envolvidos no processo educativo, quase sempre buscam um culpado, ou seja, a culpa recai no professor, na família ou no aluno que não tem vontade de aprender. Sendo esses os argumentos mais comuns, foram os quais também encontrei na escola em que fiz a análise. No entanto, para Vasconcellos, os problemas não consistem em um único seguimento, mas consiste na “*Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno*” (VASCONCELOS, 2000, p. 55).

Os professores da escola observada não reconhecendo a multiplicidade das causas da indisciplina promoviam uma cena constante: a exclusão do aluno da sala de aula, levando-o para a diretoria, onde até mesmo no momento de espera pela diretora ou coordenadora ocorria manifestação de atritos que só cessava na presença da direção.

Uma das vezes em que um professor e dois ⁷ alunos se digladiavam na antesala da direção, eu fiz um simples sinal de silêncio por trás do professor e logo a discussão cessou... ao professor ir embora, os alunos fizeram diversas queixas daquele, mais ao conversar com eles, reconheceram em que parte que erraram, e ainda foram conversar com o professor para tentar chegar a um consenso”. (ocorreu no terceiro dia de observação).

Ao pensar disciplina na escola, logo se associa à obediência e cumprimentos de normas (VASCONCELLOS, 2000, p. 38), nesse sentido ao falar em indisciplina escolar pode-se dizer que o indivíduo está descumprindo regras estabelecidas, e aí a discussão da disciplina está ligada à outra discussão que é tão pertinente quanto à primeira: qual o papel da regras.

Então, tendo estas duas questões como parâmetros, busquei o termo indisciplina e uma das definições mais comuns são como a de Rego:

Costuma-se compreender a indisciplina, manifesta por indivíduo ou um grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na ‘falta de educação ou de respeito pelas autoridades’, na bagunça ou agitação motora. Como uma espécie de incapacidade do aluno (ou de um grupo) em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados. (REGO, 1996, p. 85)

⁷ Eu já conhecia um deles do “Educandário Bento de Abreu” onde fui agente educacional. E por conhecer meu trabalho, muitos dos alunos que já havia tido algum contato comigo demonstrava imenso respeito por mim, e um carinho não comum aos funcionários e professores que se sentiam em certa medida desconfortável com a minha presença.

Nesse sentido, podemos entender essa imposição das regras como uma violência simbólica, em que na visão de Bourdieu se dá por que há uma imposição de determinado padrão de cultura da classe dominante sobre a classe subalterna, impondo seus valores e normas naturalizando seus valores e conteúdos, e para tanto, se utiliza às instituições de ensino⁸. No entanto, se pensarmos na visão de Gramsci, a escola pode ser tanto um instrumento de manutenção de poder, como pode possibilitar a emancipação social e política da classe subalterna, na medida em que cria condições para elevação cultural⁹.

Daí se entendermos a escola como uma instituição que ainda tem uma função na sociedade, seja para manutenção do poder, seja para emancipação, devemos considerar a importância da disciplina no processo de aprendizado. Não uma disciplina que exige submissão, em que, se diferenciam sujeitos passivos e ativos, mas sim uma disciplina que respeite a autonomia do indivíduo e sua capacidade de criação.

Na escola, no entanto, o emprego da palavra disciplina implica uma outra noção, menos fundada em ordem fixa e imutável de procedimentos comportamentais e mais relacionada ao aprendizado das diversas ciências, artes ou demais áreas da cultura (CARVALHO, 1996, p.132).

Até por que, quando um adulto se coloca em um lugar de um saber absoluto que desconsidera o saber do aprendiz, poderá ter como resposta a indisciplina, que reflete a insatisfação do aluno, *“por estar sendo colocado neste lugar de nada saber”* (SANTOS e BOTELHO, 1997, p. 52). Assim, desse modo *“a disciplina imposta gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal”* (GUIMARÃES, 1996, p. 10).

Nesse sentido, o diálogo e a cooperação são o que se têm de mais importante, pois a indisciplina presente no ambiente escolar não é causada por agentes isolados, cujas causas possam ser encontradas no corpo docente ou discente. A gênese do problema está na própria concepção do que é educação, e qual o papel da escola na sociedade e de como devem ser constituídas as relações entre agentes educador-educando. Para chegar o mais próximo de uma aprendizagem significativa e emancipadora, se faz necessários que se tenha uma metodologia definida, compreender qual o papel da escola na sociedade atual e o mais importante educar para libertar, mantendo relações que devem ser de respeito mútuo, respeitando as diversidades dos interesses pessoais e coletivos.

⁸ Ver Os herdeiros de Bourdieu

⁹ Ver Gramsci em “Introdução à filosofia da Práxis” e “A Formação dos Intelectuais”.

Seguindo a idéia de que:

[...] o ato pedagógico, enquanto momento de construção do conhecimento, não precisa ser ato silenciado, que reduz o professor a única condição ‘daquele que ensina’ e faz o aluno não extrapolar sua condição de ‘sujeito que aprende’. Ao contrário, o ato pedagógico é o momento do emergir das falas, do movimento, da rebeldia, da oposição, na ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos (PASSOS, 1996, p. 118).

O que se pode apreender tanto no trabalho de campo quanto no estudo teórico é que a disciplina no âmbito escolar não está associada ao se manter “estático” quieto, ao contrário, ser disciplinado exige participação ativa, ou seja, o aluno e parte integrante do processo do fazer aprender. “Assim, ao dar regras e transmitir uma disciplina, o professor não impede o aluno de criar; ao contrário, possibilita a criação”.(CARVALHO, 1996, p.137).

É essa perspectiva de um trabalho em conjunto, não só pelos agentes educacionais e alunos, mais também pais, vizinhança escolar (comunidade escolar como um todo) que não há ou pelo menos está bastante debilitado pela escola analisada em questão.

Evidentemente, a iniciação em práticas sociais operada pela educação exige comportamentos que lhe são próprios. E é nisso que reside o problema prático da disciplina. Não há, por todas essas razões, uma resposta para a questão da disciplina ou indisciplina dos alunos. Mas há também neste caso certas precauções (CARVALHO, 1996, p.137).

A precaução de que Carvalho fala é a única que tem dado resultado, não por ser uma “receita”, mais por ser exatamente o contrário, ou seja, as soluções para os problemas são próprias de cada comunidade ou escolas, e só pode se encontrada e trabalhada através do diálogo, sendo o dialogar com todos os envolvidos a precaução que dá certo. No entanto, na escola estudada, nem mesmo os alunos são escutados, e por sua vez não escutam as determinações da direção, havendo um recrudescimento das normas para tentar conter a indisciplina que se torna cada vez mais constante e grave, se manifestando muitas vezes em forma de violência.

“O que se torna premente sublinhar é que não existe um modelo único, capaz de determinar, a priori, a condição de uma escola ser violenta” (ABRAMOVAY. 2002. P. 188.). Embora não exista um modelo único que determine as causas de uma escola ser indisciplinada e/ou violenta por vezes, sabe-se que, a ausência do diálogo é sempre um dos fatores, o que também ocorre na escola observada. Grades encontradas na escola dificultam até mesmo a chegada do aluno à direção, os banheiros que ficam fechados, exceto no horário de intervalo, são alvo de

reclamações constantes, enquanto os alunos o querem aberto para não precisar pegar a chave durante a aula, os funcionários alegam que os alunos fumariam entorpecentes e cigarros, além de não entrarem na aula se os banheiros permanecessem abertos.

Nesse caso, não houve nenhum trabalho de conscientização, nem um simples diálogo entre a direção e os alunos, fazendo do banheiro um “tabu”, em que os alunos sentem-se donos e o transforma em espaço de convivência no horário de intervalo, e os funcionários o domina no restante do tempo como um instrumento de poder.

Tão grave quanto às relações de alunos com os agentes educadores são as relações da escola com os pais, ou melhor, a ausência de relações, a não ser quando ocorre algum problema grave com o filho. Faz-se necessário que se diga, que o desinteresse se faz de ambas as partes, o que desconsidera a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)- Lei n. 9394/96: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.(Titulo II, Artigo 2º, p.1).

Nesta análise o que está em questão não é nem mesmo o dever, mais a necessidade da integração dos envolvidos direta e indiretamente com a educação dos alunos,

[...] é importante que a organização e gestão da escola permitam o envolvimento da família dos alunos, em particular do pai e da mãe, como co-educadores. Esse envolvimento deve ter como principais finalidades: articular as práticas escolares com educadores, em atividades de natureza sócio-educativa; associar os pais à tomada de decisão sobre questões que afetam diretamente as modalidades da sua colaboração com a escola, ou que se prendem com o modo como a escola define e realiza os seus objetivos.” (BARROSO, 1995, p. 25)

A relação que a escola tem que manter com os alunos, pais e comunidade deve ser de máxima proximidade, fazendo com que eles se sintam partes integrantes das decisões, do dia-a-dia, da vivencia escolar, ou seja, partes integrantes da escola. Pois, ao se sentir parte, as soluções para os problemas passam a ser mais eficaz, pois, deixam de vir de (cima) dentro para (baixo) fora e passa a vir de (baixo) fora para (cima) dentro, sendo que os próprios alunos com o sentimento de pertencimento param de pensar a escola como local de conflito e disputa de poder, extinguindo ou pelo menos diminuindo de forma significativa a indisciplina. E nesse sentido se torna importante a participação da comunidade: “A relação com a comunidade revela, por vezes, atitudes inovadoras, que ultrapassam as visões formalmente

estabelecidas, que nela encontra meios de manter conservado o espaço físico ou de conseguir apoios para desenvolver o trabalho da escola”.(ABRAMOVAY. 2002. P. 213).

Com todos se sentindo “fazedores” das normas, elas passam a ser entendidas como condição necessária ao convívio social, e a indisciplina dá lugar à disciplina; o que tem um grau de importância e eficácia muito maior do que a subserviência cega. No entanto, a internalização e a obediência a determinadas regras podem levar o indivíduo a uma atitude autônoma, e conseqüentemente libertadora. Nesse sentido, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites, e para tanto deve está preparado para lidar com os problemas e dificuldade de cada comunidade escolar. Esse preparo só se dá no envolvimento de todas as partes envolvidas, buscando em conjunto a apreensão de suas necessidades, o que ocorre somente a partir de um diálogo constante. O que se pode dizer de forma geral é que na escola estudada ou em qualquer outra:

O problema da disciplina ou indisciplina no âmbito escolar não é, nesse sentido, o de obter um tipo padronizado de comportamento, mas o de como ensinar certas maneiras de se trabalhar. E o ensino é uma arte-prática que não tem regras que garantam seu êxito... O trabalho do professor não é o de fixar, através de certas receitas, comportamentos invariáveis, mas o de criar, segundo seus objetivos e as características daquilo que ensina, disciplinas e métodos de ação e pensamento que consideramos valiosos. (CARVALHO, 1996, pp.137-138 in. AQUINO)

Referencias

ABRAMOVAY, M. Escolas Inovadoras: retratos e alternativas, in: Vários autores *Desafios e alternativas: violências nas escolas*. Brasília: UNDP, 2002.

BARROSO, J. *Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola*, 1995. (Cadernos de Organização e Gestão Escolar; v. 1)

CARVALHO, J. F. Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como praticas sociais. In: AQUINO, J. G. (Org) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

FERNANDES, F; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, M. F.- “*Dicionário brasileiro Globo*” 29. ed. São Paulo: Globo, 1993.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurelio Século XXI Escolar: o minidicionario de língua portuguesa*. 4.ed. rev.. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394 de 20/12/1996. Brasília.

MEPI (Moderna Enciclopédia de pesquisas e informações). Bela Vista, SP: DCL, v. 2.

PASSOS, L. F. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas*. São Paulo: Summus, 1996.

REGO. T. C. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygostskiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas*. São Paulo: Summus, 1996.

SANTOS, C. S.; BOTELHO, M. Disciplina & Indisciplina: termômetro do desejo de aprender? *Dois Pontos*, n. 35, v.4, 1997.

TIBA, I. *Disciplina: o limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, C. S. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 11.ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 4)

ARTIGO RECEBIDO EM 2007
